

[fora que] como operador argumentativo: estratégias de adição e relevo no português brasileiro

[fora que] as an argumentative operator: addition and emphasis strategies in Brazilian Portuguese

Ana Cláudia Machado dos SANTOS 

Universidade Federal Fluminense
Niterói, RJ, Brasil
anaclaudiamachadoteixeira@id.uff.br

Ana Beatriz ARENA 

Universidade Estadual do Rio de Janeiro
São Gonçalo, RJ, Brasil
bia.arena@gmail.com

Resumo: Este artigo tem por objetivo descrever e analisar o funcionamento da microconstrução [fora que] no português brasileiro contemporâneo, observando-a como um operador argumentativo de valor aditivo capaz de, além de estabelecer conexão entre segmentos textuais, conferir relevo positivo à orientação argumentativa. O estudo ancora-se nos pressupostos da Linguística Funcional Centrada no Uso (LFCU), que concebe a gramática como um inventário dinâmico de construções emergentes do uso, e da Linguística Textual (LT), que examina os fatores de textualidade e os níveis de articulação entre enunciados. Metodologicamente, a pesquisa adota uma abordagem qualitativa e sincrônica, fundamentada em ocorrências coletadas no Corpus do Português (subcorpus NOW), em gêneros de cunho opinativo. As análises revelam que [fora que] atua predominantemente nos níveis microestrutural e intermediário, cumprindo a macrofunção aditiva, mas com valor argumentativo reforçado: ele introduz argumentos apresentados como imprescindíveis para a progressão textual, operando como recurso de focalização e persuasão. A análise demonstra, ainda, que observar [fora que] a partir de uma perspectiva combinada permite revelar dimensões do fenômeno que permaneceriam invisíveis sob abordagens isoladas. Em vez de tratar o conector apenas como item lexical ou apenas como elo de coesão, a articulação entre forma, uso e organização discursiva evidencia como construções emergentes podem desempenhar funções argumentativas complexas na arquitetura textual. O estudo aponta, assim, que investigar

operadores não prototípicos sob o prisma dessa interface amplia o alcance explicativo das teorias e contribui para uma compreensão mais fina das estratégias de progressão e relevo que estruturam o texto no português brasileiro.

Palavras-chave: linguística funcional; linguística textual; conectores; operador argumentativo [fora que]; português brasileiro.

Abstract: This article aims to describe and analyze the functioning of the microconstruction [*fora que*] in contemporary Brazilian Portuguese, observing it as an argumentative operator with additive value capable of not only establishing a connection between textual segments but also conferring positive prominence to the argumentative orientation. The study is grounded in the principles of Usage-Based Functional Linguistics (LFCU), which conceives grammar as a dynamic inventory of constructions emerging from use, and Text Linguistics (LT), which examines factors of textuality and levels of articulation between utterances. Methodologically, the research adopts a qualitative and synchronic approach, based on occurrences collected from the Corpus do Português (NOW subcorpus), in opinion-oriented genres. The analyses reveal that [*fora que*] operates predominantly at the microstructural and intermediate levels, fulfilling the additive macrofunction, but with reinforced argumentative value: it introduces arguments presented as essential for textual progression, functioning as a resource for focalization and persuasion. The analysis further demonstrates that observing [*fora que*] through a combined perspective reveals dimensions of the phenomenon that would remain invisible under isolated approaches. Rather than treating the connector solely as a lexical item or as a cohesive link, the articulation between form, use, and discourse organization shows how emerging constructions can perform complex argumentative functions in textual architecture. The study indicates, therefore, that investigating non-prototypical operators through the lens of this interface expands the explanatory scope of the theories and contributes to a more refined understanding of the strategies of progression and prominence that structure textual organization in Brazilian Portuguese.

Keywords: functional linguistics; text linguistics; connectors; argumentative operator [fora que]; Brazilian Portuguese.

1 INTRODUÇÃO

A presente pesquisa tem como objetivo descrever e analisar o funcionamento da microconstrução [fora que] no português brasileiro contemporâneo, examinando-a como um operador argumentativo de valor aditivo que, além de estabelecer relação entre segmentos textuais, confere relevo positivo à informação que introduz. Essa escolha situa-se no escopo teórico-metodológico que articula pressupostos da Linguística Funcional

Centrada no Uso (LFCU) e da Linguística Textual (LT), em consonância com a proposta deste volume da *Entrepalavras*, voltado às interfaces entre essas perspectivas.

A relevância do estudo decorre do fato de que [fora que] não figura entre os conectores prototípicos descritos pelas gramáticas normativas. Entretanto, sua circulação efetiva na língua revela não apenas a função aditiva, mas também sua capacidade de projetar determinado conteúdo como argumento de maior peso na progressão discursiva. Ao inserir um conteúdo construído como imprescindível à interpretação do interlocutor, [fora que] opera como recurso de orientação e fortalecimento da perspectiva defendida pelo produtor textual.

Metodologicamente, adotamos uma abordagem qualitativa e sincrônica, centrada na análise de usos efetivos da microconstrução em textos de natureza predominantemente opinativa, coletados no subcorpus *NOW* do Corpus do Português. A investigação considera, de modo integrado, propriedades sintáticas, semânticas, pragmáticas e discursivo-funcionais (Croft, 2001), articulando-as aos fatores de textualidade propostos pela LT (Beaugrande; Dressler, 1981; Koch; Elias, 2016), de forma a compreender como a construção se insere na tessitura do texto e contribui para sua orientação argumentativa.

Este artigo está organizado em três seções, além desta introdução. Na primeira, apresentamos a fundamentação teórico-metodológica que sustenta a descrição de [fora que], articulando conceitos provenientes da LFCU e da LT. Na segunda, desenvolvemos a análise dos dados, observando a atuação da microconstrução como operador argumentativo de adição e como estratégia de relevo. Por fim, formulamos as considerações finais e listamos as referências utilizadas.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICO-METODOLÓGICA

A fundamentação teórico-metodológica deste estudo articula pressupostos da Linguística Funcional Centrada no Uso (LFCU) e da Linguística Textual (LT), vertentes que, embora distintas em seus objetos e enfoques, convergem para a análise da microconstrução [fora que] como

operador argumentativo de adição e relevo no português brasileiro. De um lado, a LFCU oferece a base para compreender o funcionamento das construções linguísticas como produtos do uso, integrando aspectos formais e funcionais em uma rede de esquemas, subesquemas e microconstruções. De outro, a LT fornece instrumentos para descrever os fatores de textualidade e os níveis de articulação entre enunciados, permitindo observar como [fora que] se insere em contextos de coesão, coerência e progressão argumentativa. A combinação dessas duas perspectivas sustenta a análise, ao mesmo tempo em que responde ao propósito do presente volume da revista, que busca enfatizar interfaces entre funcionalismo e estudos do texto.

As subseções seguintes apresentam, de modo integrado, esses dois quadros teórico-metodológicos, que fundamentam a análise dos dados.

2.1 Linguística Funcional Centrada no Uso (LFCU)

A Linguística Funcional Centrada no Uso (LFCU) constitui uma vertente teórico-metodológica que busca explicar o funcionamento da língua a partir da interação entre forma e sentido, considerando o uso como instância primordial de análise. Sob essa perspectiva, a gramática não é vista como um conjunto fixo de regras abstratas, mas como um sistema dinâmico, uma organização cognitiva das experiências linguísticas dos indivíduos, moldada por princípios funcionais e pelas pressões de uso em contextos reais de interação. É nesse enquadramento teórico-metodológico que se insere a análise do uso não prototípico de [fora que], buscando compreender de que modo suas propriedades de forma-sentido interagem com fatores de textualidade e contribuem para a organização argumentativa do texto.

Furtado da Cunha, Bispo e Silva (2013, p. 17) destacam que a LFCU se ocupa de investigar

a emergência e a regularização de padrões construcionais no nível da proposição – considerando fatores fonológicos, morfológicos e sintáticos – e do discurso multiproposicional – concentrando-se em aspectos linguísticos relativos à organização do texto (Givón, 2009). Para isso, busca identificar motivações discursivo-pragmáticas e semântico-cognitivas implicadas no uso desses padrões.

Essa formulação reforça que a análise construcional se dá não apenas no plano da sentença mas também no do texto, articulando-se com aspectos pragmáticos e cognitivos. Além disso, tal abordagem favorece a compreensão de como certas construções se estabilizam no repertório linguístico dos falantes, sem perder de vista a variação e a mudança.

A partir dessa concepção, entende-se que a análise de [fora que] demanda integrar tanto o nível construcional quanto o nível discursivo, articulando as propriedades formais do elemento às funções semântico-pragmáticas que ele desempenha no texto. Isso implica reconhecer que seu uso não prototípico emerge de padrões recorrentes de interação e se mantém por atender a necessidades comunicativas específicas, como a adição de informações e a criação de relevo argumentativo. É nesse enquadramento que [fora que], mesmo partindo de uma base estrutural associada à função de elemento de conexão aditivo, adquire valores argumentativos particulares no português brasileiro contemporâneo, configurando-se como um operador argumentativo, objeto pertinente para a investigação funcionalista ancorada no uso.

A LFCU propõe que a unidade fundamental de análise seja a construção linguística (Croft, 2001), entendida como um pareamento simbólico de forma — com propriedades fonológicas, morfológicas e sintáticas — e sentido — com propriedades semânticas, pragmáticas e discursivo-funcionais. Nessa perspectiva, a língua constitui-se como um inventário de construções, que não deve ser analisado como sistema autônomo e desvinculado do uso, mas de forma global, considerando as interações entre suas propriedades.

Essa concepção permite descrever [fora que] como microconstrução pertencente à rede X-que_{CTD} (Conector Textual-Discursivo), caracterizada por três dimensões:

- a) complexidade: formada por duas subpartes analisáveis, [fora] e [que];
- b) Especificidade fonológica: plenamente especificada, de natureza substantiva;
- c) Tipo de conceito: procedural, pois fornece instruções sobre como relacionar conteúdos no discurso.

Traugott e Trousdale (2013), a partir desse modelo, descrevem níveis de abstração que permitem compreender a trajetória de mudança das construções: esquema, subesquema, microconstrução e construto. No nível mais alto, o esquema reúne construções semanticamente gerais, procedurais ou de conteúdo. Esse esquema se concretiza em subesquemas, que agrupam construções com ligações semânticas específicas — como o subesquema [X que]_{CTD}, no qual o [fora que] se insere na macrofunção aditiva, representada pela notação [X que]_{OAA_{Adição}} (Operador Argumentativo de Adição). No nível seguinte, a microconstrução corresponde a uma realização específica desse subesquema, com configuração formal e função discursivo-pragmática próprias. Por fim, o construto é a ocorrência empírica dessa microconstrução no uso real, sendo o lócus de inovação, mudança e convencionalização.

A emergência de [fora que] pode ser compreendida à luz dos mecanismos cognitivos descritos por Bybee (2010), em especial o *chunking* — processo pelo qual dois ou mais elementos, usados juntos com frequência em determinados contextos pragmático-discursivos, formam uma unidade maior e convencionalizada na memória linguística. No caso específico de [fora que], são os usos recorrentes em sequências avaliativas que expressam adição com relevo argumentativo que motivam sua cristalização como uma microconstrução procedural, distinta do significado composicional de suas partes.

Para ilustrar esse contraste, compare-se (i) “Havia algo lá *fora*] [*que* estava perto o suficiente para ser observado”, em que *fora* mantém seu valor locativo e *que* introduz uma oração relativa, configurando apenas a justaposição composicional dos elementos, com (ii) “O time jogou mal, [fora que] perdeu a chance de se classificar”, em que a sequência fixa [fora que] opera como unidade convencionalizada, sem possibilidade de inserções internas e com função própria no domínio argumentativo. Nesse segundo caso, trata-se de uma construção emergente que instrui o leitor/ouvinte a acrescentar informação de maior peso argumentativo, reforçando a avaliação em curso.

Com base nesses pressupostos, a análise do uso não prototípico de [fora que] parte do reconhecimento de que tal construção é resultado de regularizações advindas de padrões de uso recorrentes, que se consolidam

pela interação entre fatores cognitivos, pragmáticos e textuais. Isso significa que compreender o papel de [fora que] exige observar tanto sua configuração formal e seu sentido quanto suas funções no texto e no discurso, articulando-as aos fatores de textualidade e às propriedades discursivo-funcionais. É a partir dessa perspectiva que o presente estudo estabelece a ponte entre os princípios da LFCU e a análise textual-discursiva da construção investigada. Tal análise tem como base alguns pressupostos da LT descritos na subseção a seguir.

2.2 Linguística Textual (LT)

A Linguística Textual (LT) consolidou-se, sobretudo a partir da década de 1970, como uma vertente que reconhece o texto como unidade básica da comunicação e da análise linguística, em contraste com abordagens centradas exclusivamente na sentença. Segundo Koch (2004, p. 11), “existem fenômenos linguísticos diversos que só podem ser compreendidos no interior do texto”, o que reforça a necessidade de considerar a língua em seu funcionamento discursivo e interacional. Marcuschi (2008, p. 75) acrescenta que o texto deve ser entendido como “evento comunicativo, situado e produzido em práticas sociais concretas”, perspectiva que amplia a análise para além da materialidade linguística, incorporando fatores pragmáticos e contextuais.

Assim, a LT preocupa-se em descrever os mecanismos de coesão e coerência, bem como os fatores de textualidade que sustentam a interpretabilidade e a progressão discursiva. Para este artigo, interessa-nos especialmente a formulação de Koch e Elias (2016), que descrevem níveis de articulação e fatores de textualidade, os quais possibilitam compreender como elementos de conexão, a exemplo de [fora que], atuam como operadores discursivo-argumentativos. Esse enquadramento fornece a base para observar o papel da microconstrução investigada nos diferentes níveis de organização textual, em articulação com os pressupostos da LFCU.

2.1.1 Níveis de articulação e o papel do [fora que]

No quadro da Linguística Textual (LT), consideramos os três níveis de articulação textual descritos por Koch e Elias (2016): microestrutural (entre orações e termos de oração), intermediário (entre períodos e parágrafos) e global (entre sequências maiores do texto). O presente estudo focaliza os níveis microestrutural e intermediário, pois [fora que] atua tanto conectando orações/termos quanto articulando períodos ou parágrafos, promovendo relevo à orientação argumentativa que introduz. O nível global não foi observado até o estágio atual da pesquisa.

De acordo com Koch e Elias (2016), articuladores textuais são marcas de encadeamento de segmentos que podem desempenhar diferentes funções. Interessa-nos aqui a função de assinalar relações discursivo-argumentativas: [fora que] liga um enunciado tomado como tema ao enunciado que introduz como rema, acrescentando um argumento imprescindível para o caminho interpretativo do texto — isto é, um acréscimo cuja pertinência é construída como algo que “não poderia ter ficado de fora”, razão pela qual adquire relevo e peso persuasivo.

2.1.2 Fatores de textualidade e mapeamento forma-sentido

A textualidade apoia-se em fatores que dialogam com as propriedades forma-sentido da construção (Croft, 2001). Seguindo Beaugrande e Dressler (1981) e Koch e Elias (2016), consideramos sete fatores: coesão, coerência, intencionalidade, aceitabilidade, informatividade, situacionalidade e intertextualidade. Neste artigo, focalizamos de modo mais sistemático os seis primeiros, mas reconhecemos também a presença de marcas de intertextualidade nos dados, sobretudo na forma como os textos retomam discursos e saberes compartilhados no interior de cada gênero.

- **Coesão:** continuidade formal do texto por mecanismos de junção. No [fora que], manifesta-se na ligação microestrutural/intermediária entre segmentos (vínculo com a sintaxe/morfossintaxe da construção).

- *Coerência*: interpretabilidade global das relações estabelecidas. A microconstrução [fora que] projeta um encadeamento de adição cujo sentido se integra ao tópico em desenvolvimento (vínculo com a semântica da construção).
- *Intencionalidade*: propósito comunicativo do produtor textual. O recurso a um operador não prototípico como [fora que] sinaliza a intenção de reforçar a orientação argumentativa (vínculo com a pragmática).
- *Aceitabilidade*: adesão do leitor ao texto como relevante e bem-formado. O relevo criado por [fora que] é calibrado para favorecer a aceitação do argumento acrescido (pragmático/discursivo).
- *Informatividade*: grau de novidade da informação introduzida. Em geral, [fora que] veicula conteúdo novo e relevante, deslocando o foco para o argumento reputado como mais forte (semântico/discursivo).
- *Situacionalidade*: adequação a gênero e contexto. O uso de [fora que] é típico de contextos opinativos e avaliativos, em que a persuasão é central (discursivo-funcional).
- *Intertextualidade*: relações que o texto estabelece com outros textos e discursos. Nos excertos analisados, esse fator aparece, por exemplo, na remissão a notícias, narrativas e avaliações já circulantes, compondo o pano de fundo sobre o qual o [fora que] acrescenta um argumento de reforço.

Assim, [fora que] opera simultaneamente como mecanismo de coesão sequencial e como estratégia de focalização: ao criar relevo positivo (Travaglia, 1999), destaca o argumento acrescido como ponto de força no itinerário persuasivo do texto.

2.1.3 Escala argumentativa: nota teórica

Para caracterizar a noção de escala argumentativa, tomamos como referência a tradição da Argumentação na Língua (Anscombre; Ducrot, 1983), mas não desenvolvemos aqui a Semântica da Argumentação. Operacionalizamos o conceito tal como Koch; Elias (2016) o mobilizam em

estudos textuais: a escala é uma ordenação hierárquica de argumentos em direção à mesma conclusão, em que cada argumento sucessivo tem mais força persuasiva que o anterior.

Nesse quadro, [fora que] manifesta a macrofunção aditiva e atua como operador argumentativo ao introduzir um argumento de maior força em relação aos anteriores. Esse efeito se explica pela sua inserção em uma escala argumentativa ascendente (Koch; Elias, 2016), na qual contribui para a progressão textual não apenas acrescentando informação, mas também marcando relevo positivo e reforçando a orientação argumentativa do texto.

3 ANÁLISE DE DADOS

A análise de [fora que], como microconstrução, atuando nas articulações discursivo-argumentativas, demanda observar usos efetivos em contextos de circulação real da língua. Para isso, os dados foram coletados no Corpus do Português (subcorpus *NOW – News on the Web*), que reúne textos jornalísticos contemporâneos de ampla circulação em língua portuguesa. A escolha desse corpus se justifica por sua natureza dinâmica e constantemente atualizada, permitindo flagrar a emergência e a estabilização de construções não prototípicas em diferentes gêneros de escrita socialmente relevantes, como artigos de opinião, comentários de leitores, reportagens e críticas de TV.

O recorte metodológico é qualitativo e sincrônico, voltado a descrever padrões de funcionamento da construção e não a quantificar estatisticamente sua frequência. A busca no subcorpus *NOW* levantou diversas ocorrências da microconstrução [fora que] em textos jornalísticos de 2012 a 2019. Para este artigo, selecionamos cinco excertos que permitem observar o comportamento da construção em gêneros diferentes (artigo de opinião, comentário do leitor, texto opinativo sobre política, reportagem e crítica de TV), em contextos tipicamente argumentativos. A escolha considerou, ainda, a posição de [fora que] na cadeia textual (encabeçando D2, retomando e reforçando a orientação de D1), a transparência da estratégia argumentativa e a possibilidade de articular, em cada caso, os pressupostos teórico-metodológicos da LFCU e da LT mobilizados na seção anterior. Nesse sentido, a análise não se volta para a frequência absoluta,

mas para a descrição das propriedades de forma e sentido que caracterizam o [fora que] como operador de adição e relevo. Ao mesmo tempo, a interface com a LT possibilita mapear como essa microconstrução atua nos níveis de articulação textual (microestrutural e intermediário) e nos fatores de textualidade (Beaugrande; Dressler, 1981; Koch; Elias, 2016), produzindo efeitos de focalização e orientando a progressão argumentativa.

No nível mais abstrato, [fora que] se ancora no esquema dos conectores, que se desdobra em subesquemas específicos. Entre eles, encontra-se o [X que]_{CTD}, categoria de conectores discursivo-argumentativos do tipo operador argumentativo, formada pelo preenchimento variado do slot inicial e pela consequente especialização em diferentes macrofunções. Dentro dessa rede, situa-se o subesquema [X que]_{OAAdição}, que se concretiza na microconstrução [fora que], já convencionalizada no português brasileiro. Por fim, sua realização empírica ocorre nos construtos efetivamente analisados neste corpus. Optamos por apresentar essa gradação de forma destacada no início da seção porque ela se aplica igualmente a todos os dados, não havendo necessidade de reiterá-la em cada análise individual.

A partir desse enquadramento, passamos à descrição de cinco ocorrências selecionadas, em gêneros distintos, nas quais o [fora que] atua como operador argumentativo de adição e relevo.

Assim, foram selecionadas ocorrências em que a sequência [fora que] se apresenta cristalizada como operador argumentativo de adição, excluindo-se os casos em que suas subpartes (fora + que) exercem funções independentes. O objetivo é descrever de que maneira, em diferentes gêneros e tipos textuais, o [fora que], com sua estratégia de ênfase e destaque, contribui para a construção de escalas argumentativas ascendentes na medida em que insere um argumento mais forte que ganha relevo na argumentação. Essa manobra auxilia na progressão das ideias e na organização discursiva do texto.

- (01) A derrota no clássico 'Choque-rei' seria algo relativamente esperado quando se compara os elencos e o desempenho atual de cada um em a competição estadual. Apesar de os fatos contrários, torcedor que é torcedor não perde as esperanças em seu time, segue sempre remando contra a maré, mas uma hora cansa e isso já está acontecendo. Para piorar ainda mais a

situação, em o campeonato estadual de os três clássicos disputados, o São Paulo saiu com a derrota em todos e o jejum sem vencer de o Palmeiras em o Paulistão que se arrasta desde 2009 continua. [Fora que] o time tem o pior aproveitamento entre os grandes que compõem a Série A em 2019, com seis derrotas, dois empates e somente três vitórias. Se não bastasse a campanha nada favorável em a competição, agora o time de o Morumbi precisa de uma ajudinha de o Corinthians, isso porque se o Oeste vencer ultrapassa o São Paulo que segue em a segunda posição com 14 pontos. *Corpus now*, artigo de opinião, <https://www.torcedores.com/noticias/2019/03/derrota-sao-paulo-opinioao>

No artigo de opinião esportivo, [fora que] emerge no nível intermediário de articulação textual (Koch; Elias, 2016), unindo períodos já carregados de avaliações negativas e introduzindo aquele que se constrói como argumento mais forte: o pior aproveitamento do time em 2019. A progressão argumentativa que vinha se apoiando em elementos de coerência narrativa — a sequência de derrotas e o longo jejum contra o rival — ganha, com [fora que], um acréscimo que não apenas soma informação, mas a projeta como dado imprescindível para a interpretação do cenário.

Do ponto de vista da LFCU, a microconstrução [X que]_{CTD}, de natureza procedural (Croft, 2001), orienta o leitor a hierarquizar esse novo enunciado no topo da escala argumentativa (Koch; Elias, 2016), cumprindo o papel de bloco cristalizado pelo uso recorrente (Bybee, 2010) que serve para “fechar” a linha de raciocínio com maior peso.

A interface com a LT evidencia que todos os fatores de textualidade estão mobilizados: a coesão articula o período introdutório com o acréscimo; a coerência integra o dado estatístico ao percurso de derrotas; a intencionalidade do enunciador é reforçar o tom de crítica; a aceitabilidade decorre da força de um argumento numérico, dificilmente refutável; a informatividade reside na novidade da estatística apresentada como decisiva; e a situacionalidade se ajusta ao gênero artigo de opinião esportivo, em que a persuasão se ancora tanto em emoção quanto em dados concretos. O resultado é um efeito de relevo positivo (Travaglia, 1999), já que o enunciado introduzido pelo [fora que] se constrói como o ponto culminante da crítica: o leitor é levado a interpretar que não se trata de mais

um detalhe, mas do argumento que confere legitimidade e contundência à avaliação negativa do time.

(02) Infelizmente Carapicuíba deixa a desejar. Acho que isso nunca vai mudar só piora. Trabalhamos o dia todo mais sempre tem aqueles descompromissados que ligam o som bem alto para incomodar os vizinhos. Eles não respeitam parecia q moram sozinho no bairro, sem noção. [Fora que] temos liberdade de sair de casa, porque sempre tem drogados na esquina. Se nos reclamar corremos o risco de ser assaltados ou mortos. Queremos mudanças e segurança urgente *Corpus now*, comentário do leitor, <https://visaoeste.com.br/bandidos-fazem-arrastao-em-ponto-de-onibus-em-carapicuiiba/>

No comentário de leitor sobre a violência em Carapicuíba, [fora que] aparece no nível intermediário, articulando períodos. O enunciado inicial relata o incômodo cotidiano causado pelo barulho dos vizinhos, mas o acréscimo introduzido pelo operador desloca a queixa para um problema de maior gravidade: a insegurança pública. O tipo textual predominante é o argumentativo, mas em D2 apresenta também traços expositivo-descritivos, na medida em que relata situações concretas do bairro.

Na perspectiva da LFCU, a microconstrução [X que]_{CTD}, de natureza procedural, instrui o leitor a interpretar o conteúdo adicionado como informação que não poderia ser ignorada. Trata-se de uma estratégia de focalização: o acréscimo não é lateral, mas central à denúncia.

Pelo prisma da LT, o funcionamento do operador se revela nos fatores de textualidade (Beaugrande; Dressler, 1981; Koch; Elias, 2016). A coesão é garantida pelo encadeamento sintático entre as orações; a coerência decorre da progressão temática — do incômodo doméstico à violência urbana; a intencionalidade manifesta-se na tentativa de persuadir pela dramatização da experiência vivida; a aceitabilidade é reforçada pelo caráter testemunhal da voz do morador; a informatividade decorre da introdução de um dado mais grave que reconfigura a força da reclamação; e a situacionalidade é ajustada ao gênero comentário, que privilegia o discurso engajado e subjetivo. O efeito de relevo positivo (Travaglia, 1999) é decisivo: o argumento da insegurança aparece como elemento imprescindível, que concentra a força persuasiva do texto.

(03) Com a suspensão de a aplicação de a pena pendente apenas de um protocolo de recurso a os tribunais Superiores, o STF foi inundado com recursos, habeas corpus, etc chegando a inacreditáveis 100 mil recursos por ano. Com apenas 2 turmas e trabalhando menos de 9 meses por ano, não dá para julgar nem 1 centesimo disso. # Começaram a pipocar decisões monocráticas, conflitantes, [fora que] o STF, virando revisor de todas as causas penais, perdeu a sua função de guardião de a Constituição e virou o guardião de a impunidade. # Isso perdurou até 2016 quando, vendo o verdadeiro caos que o STF se tornou, em uma decisão de 7 a 4, o STF reestabeleceu a situação vigente desde 1941 não permitindo que um recurso a os tribunais superiores suspender a aplicação de a pena. *Corpus now*, artigo de opinião, <https://jornalggn.com.br/opiniaio/no-estado-de-excecao-a-caminho-da-ditadura-por-xixo-piragino/>

No artigo de opinião sobre o STF, [fora que] atua no nível microestrutural, articulando o conteúdo de orações que acumulam críticas e conduzindo ao ápice da avaliação: a transformação da Corte em “guardião da impunidade”. O tipo textual predominante em D2 é o argumentativo-dissertativo, já que o enunciador constrói uma tese sobre o descrédito da instituição e a sustenta com uma sequência lógica de razões.

Do ponto de vista da LFCU, o operador instanciado na microconstrução [X que]_{CTD} instrui o leitor a hierarquizar as informações, sinalizando que o acréscimo introduzido deve ser interpretado como argumento de maior peso na escala. A cristalização formal da sequência (fora + que), descrita em termos de *chunking* (Bybee, 2010), reforça sua convencionalização como bloco discursivo de ênfase.

A articulação com a LT evidencia a riqueza funcional do conector. A coesão é estabelecida pela ligação entre avaliações sucessivas; a coerência garante que o acréscimo se alinhe à tese de descrédito; a intencionalidade é marcada pelo desejo de persuadir o leitor da gravidade da situação; a aceitabilidade é construída no espaço opinativo, em que juízos subjetivos são legitimados; a informatividade concentra-se na novidade do enunciado mais incisivo; e a situacionalidade corresponde ao gênero artigo opinativo, no qual o autor tem espaço para avaliações categóricas. O [fora que] cria relevo positivo ao posicionar o novo enunciado no topo da escala argumentativa (Koch; Elias, 2016), funcionando como a “última cartada” que consolida a força persuasiva do texto.

(04) Outra vantagem linda, é a descoberta de coisas que você jamais veria de forma ordinária. Ao se viver na atenção plena, enxergamos tudo com os olhos da consciência e passamos a ver muito mais detalhes que não veríamos. Passamos a sentir muito mais emoções do que sentiríamos, passamos a notar muito mais energias sutis e mistérios do universo do que jamais notaríamos. Além disso, o estado de presença traz a plenitude de se viver relações “cardíacas”, ou seja, relações de entrega vindas do coração. Quando você se dispõe a escutar e estar com alguém em pleno estado de atenção, automaticamente cria-se uma conexão empática e profunda, portanto, verdadeira. Quer ganhar alguém? Experimente estar 100% presente com aquela pessoa, interessando-se de verdade sobre o que ela está expondo. Dificilmente terá uma relação superficial. [Fora que] é gostoso se doar para os outros. E, assim, alcançar sentimento de pertencimento, de plenitude, de serviço. Para viver uma vida com essa consciência, é preciso empenho. *Corpus now*, reportagem, <https://www.metropoles.com/bela-jornada/o-estado-de-presenca-e-condicao-indispensavel-para-viver-plenamente>

Na reportagem de cunho reflexivo sobre atenção plena, [fora que] aparece no nível intermediário, conectando um enunciado avaliativo — a profundidade das relações humanas na presença plena — a outro que acrescenta uma dimensão afetiva: o prazer de doar-se aos outros. O tipo textual predominante em D2 é o expositivo-argumentativo, pois há uma combinação entre explicação conceitual e defesa de uma prática valorativa.

Na LFCU, o marcador se configura como microconstrução procedural que instrui o leitor a focalizar o argumento afetivo como parte indispensável da compreensão da plenitude. A sequência [fora que] cristaliza-se como recurso convencional de intensificação, direcionando a interpretação do acréscimo como argumento hierarquicamente superior.

A LT permite observar como o conector ativa múltiplos fatores. A coesão assegura o vínculo entre proposições reflexivas; a coerência articula a ideia de presença com a de doação; a intencionalidade busca envolver o leitor pela via da empatia; a aceitabilidade é reforçada por valores culturalmente compartilhados de solidariedade; a informatividade está no caráter inédito do acréscimo (o prazer de doar-se como componente da plenitude); e a situacionalidade se ajusta ao gênero reportagem, em que a persuasão é construída por meio da combinação de informação e

aconselhamento. Nesse contexto, [fora que] projeta relevo positivo ao valorizar a dimensão afetiva como “coroamento” da argumentação.

- (05) Nicolau é extremamente exagerado, com um machismo irritante e uma interpretação preguiçosa de Serrado. Afrodite sofre de uma falta de carisma para que empolgue como a mãe coragem e mulher subjugada que aos poucos consegue levantar a voz contra o marido opressor. Isso sem contar os filhos do casal, cujas histórias parecem apenas cumprir tabela para encher linguiça. [Fora que] ninguém merece ver Serrado penteando a pança, como já foi mostrado diversas vezes na novela. Já a relação fetichista de Rita e Machado escamba para aquele tipo de humor desgastado e sem graça. Corpus now, crítica de tv,
<https://noticiasdatv.uol.com.br/noticia/novelas/com-alguns-acertos-muitos-desastres-o-setimo-guardiao-e-uma-grande-decepcao-24921>

No exemplo 5, temos uma crítica televisiva sobre a novela O Sétimo Guardião, gênero que, em sua conformação mais ampla, pode articular descrição de elementos narrativos, avaliação de personagens e comentários sobre a recepção da obra. No trecho selecionado, porém, o tipo textual predominante é argumentativo com traços descritivos, pois a crítica organiza a avaliação por meio de expressões adjetivas e verbos no presente do indicativo, típicos da descrição avaliativa, delineando características de personagens — a caracterização de Nicolau (“extremamente exagerado, com um machismo irritante”), a falta de carisma de Afrodite e a pouca relevância das histórias dos filhos — para sustentar o ponto de vista do autor. Na sequência, introduz, por meio de [fora que], um último argumento que condensa seu incômodo: “ninguém merece ver Serrado penteando a pança”.

Do ponto de vista construcional, [fora que] aparece em posição inicial de D2, retomando D1 como tema avaliativo e projetando o acréscimo como um argumento de peso na escala construída até ali. A microconstrução [fora que] atua como operador argumentativo de adição, instruindo o leitor a integrar o novo conteúdo (“ver Serrado penteando a pança”) ao conjunto de críticas previamente elencadas, mas com relevo especial. Em termos de macrofunção, a construção reforça a orientação já assumida pela crítica — a

de que a novela se configura como uma “grande decepção” — e funciona como espécie de “fechamento” do bloco avaliativo.

No plano textual-discursivo, essa configuração evidencia coesão (junção entre os segmentos avaliativos por meio de um articulador aditivo), coerência (encadeamento de argumentos convergentes para a mesma conclusão negativa), intencionalidade (reforçar, junto ao leitor, o juízo desfavorável sobre a novela) e aceitabilidade (o argumento acrescido é construído como evidência contundente, que “corrobora” as avaliações anteriores). O recurso a uma imagem corporal específica (“penteando a pança”) ativa traços de ironia e exagero típicos da crítica de TV, mas [fora que] não apenas introduz esse conteúdo: ele o posiciona no topo da escala argumentativa, como argumento decisivo que elabora, de forma sintética e marcada, o desconforto do crítico com a obra.

Em conjunto, os cinco excertos analisados mostram que a microconstrução [fora que] mantém um núcleo funcional estável — operar como articulador aditivo e operador argumentativo de relevo —, ao mesmo tempo que se adapta às especificidades de cada gênero: reforça a dramatização da crise no artigo esportivo, intensifica a denúncia de insegurança urbana no comentário do leitor, contribui para a construção de um quadro de “caos institucional” no texto opinativo sobre o STF, amplia a argumentação em favor do “estado de presença” na reportagem e condensa o incômodo avaliativo na crítica de TV. Em todos os casos, a construção atua na escala argumentativa como argumento de maior força, em posição de D2, alinhando-se às propriedades formais e discursivo-funcionais descritas pela LFCU e articulando-se, pela via da LT, aos fatores de textualidade, às estratégias de focalização e ao relevo positivo.

No plano da LFCU, [fora que] confirma-se como microconstrução da rede [X que]_{CTD}, de natureza procedural, que emerge do uso e se consolida pelo processo de *chunking* (Bybee, 2010). Essa configuração formal estável permite compreender seu funcionamento como um bloco gramaticalizado, cuja função principal é instruir o leitor a hierarquizar os conteúdos introduzidos, atribuindo-lhes peso argumentativo superior.

No âmbito da LT, a análise mostrou que o operador atua de forma sistemática os seis fatores de textualidade (Beaugrande; Dressler, 1981; Koch; Elias, 2016): a coesão se manifesta na ligação entre segmentos de diferentes

extensões; a coerência, na integração semântica e temática; a intencionalidade, no direcionamento persuasivo; a aceitabilidade, no reconhecimento do acréscimo como pertinente; a informatividade, no caráter novo e decisivo da informação acrescentada; e a situacionalidade, na adequação ao gênero e à prática discursiva. Em todos os casos, o efeito de focalização evidencia-se como mecanismo pelo qual o [fora que] constrói a escala argumentativa ascendente (Koch; Elias, 2016), posicionando o enunciado subsequente como de maior força persuasiva.

Assim, a descrição de [fora que] nas ocorrências analisadas confirma a relevância de uma abordagem que articula LFCU e LT. Ao mesmo tempo em que a LFCU permite compreender o estatuto da microconstrução como unidade simbólica de forma e sentido, a LT oferece as ferramentas para descrever sua atuação nos níveis de articulação textual, nos fatores de textualidade e nos gêneros em que circula. Essa interface evidencia que [fora que] não é apenas um conector não prototípico, mas um operador argumentativo estratégico que organiza o discurso em escalas de força, orientando a interpretação e a adesão do interlocutor.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo teve como objetivo descrever e analisar o funcionamento da microconstrução [fora que] no português brasileiro contemporâneo, entendida como um operador argumentativo de valor aditivo que, além de estabelecer conexão entre segmentos textuais, promove relevo à orientação argumentativa que introduz. O percurso analítico esteve ancorado nos pressupostos da Linguística Funcional Centrada no Uso (LFCU) e da Linguística Textual (LT), em consonância com a proposta de explorar interfaces entre essas vertentes.

Os resultados demonstraram que o [fora que] atua como microconstrução pertencente à rede [X que]_{CTD}, cuja natureza procedural instrui o leitor a hierarquizar os enunciados, posicionando o conteúdo acrescido no topo da escala argumentativa (Koch; Elias, 2016). Em todos os gêneros analisados — artigo de opinião, comentário de leitor, reportagem reflexiva e crítica de TV — a construção não apenas adiciona, mas focaliza a informação, conferindo-lhe o estatuto de argumento imprescindível. Esse

funcionamento confirma que o relevo positivo (Travaglia, 1999) constitui o traço definidor de [fora que] como articulador discursivo-argumentativo não prototípico.

No plano da LFCU, a análise evidenciou que o [fora que] emerge do uso e se consolida pela recorrência em contextos argumentativos, cristalizando-se como *chunk* (Bybee, 2010) e adquirindo estatuto de microconstrução convencionalizada. No plano da LT, mostrou-se que a construção mobiliza os seis fatores de textualidade (Beaugrande; Dressler, 1981), articulando coesão, coerência, intencionalidade, aceitabilidade, informatividade e situacionalidade de forma a orientar a progressão persuasiva do texto.

A descrição empreendida corrobora a importância de articular LFCU e LT: enquanto a primeira fornece a base teórica para compreender o estatuto construcional de [fora que], a segunda permite explicitar seu funcionamento nos níveis de articulação textual e nos fatores de textualidade que sustentam sua força argumentativa. Essa interface confirma que a gramática, concebida como inventário de construções (Croft, 2001), se realiza efetivamente no texto e no discurso, de modo a responder a necessidades comunicativas específicas. A articulação entre esses dois olhares também evidencia que fenômenos frequentemente relegados à “estilística” ou ao “uso coloquial” são, na verdade, peças centrais da gramática em uso e da organização argumentativa dos textos.

Portanto, [fora que] não deve ser descrito apenas como mais um conector aditivo, mas como um operador argumentativo estratégico cuja principal contribuição é conferir relevo e hierarquização às informações introduzidas. Além disso, a análise abre caminhos promissores para pesquisas futuras que investiguem outras microconstruções não prototípicas do português brasileiro, observando de que modo cada uma delas articula forma, uso e funções discursivo-argumentativas.

Essas perspectivas futuras dialogam diretamente com o projeto de investigação já em curso, que abrange três domínios funcionais distintos: (i) o *contraste*, em construções como [acontece que] [sendo que] e [só que], (ii) a *possibilidade*, também explorada em usos de [bem que] e [vai que], (iii) a *especificação*, explorada pelos usos de [note que] e [veja que]. O próximo passo consiste em ampliar esse escopo, incorporando construções que não

pertencem à rede [X que]_{CTD}, como [mas], [vai ver] e [ou seja], a fim de examinar, sob a mesma interface LFCU–LT, como essas unidades constroem efeitos de sentido, organizam a progressão textual e atuam no nível da operação argumentativa.

Investigações comparativas nesses três domínios permitirão refinar a descrição de macrofunções em que atuam as microconstruções, graus de proceduralidade e padrões de relevo argumentativo, contribuindo para a compreensão mais abrangente do papel desempenhado por operadores não prototípicos na arquitetura textual e na gramática em uso.

REFERÊNCIAS

ANSCOMBRE, O.; DUCROT, J.-C. **L'Argumentation dans la langue**. Bruxelles: Mardaga, 1983.

BEAUGRANDE, R.-A. de; DRESSLER, W. U. **Introduction to Text Linguistics**. London: Longman, 1981.

BYBEE, J. **Language, Usage and Cognition**. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.

CROFT, W. **Radical Construction Grammar**: Syntactic Theory in Typological Perspective. Oxford: Oxford University Press, 2001.

DAVIES, M. **Corpus do Português** – NOW (News on the Web). Disponível em: <<https://www.corpusdoportugues.org/now/>>. Acesso em: 15 ago. 2025.

FURTADO DA CUNHA, M. A.; BISPO, E. B.; SILVA, G. M. O. (orgs.). **Linguística Funcional Centrada no Uso**: teoria e prática. Natal: EDUFRN, 2013.

KOCH, I. G. V. **Introdução à linguística textual**: trajetória e grandes temas. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

KOCH, I. G. V.; ELIAS, V. M. **Escrever e argumentar**. São Paulo: Contexto, 2016.

MARCUSCHI, L. A. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

TRAUGOTT, E. C.; TROUSDALE, G. **Constructionalization and Constructional Changes**. Oxford: Oxford University Press, 2013.

TRAVAGLIA, L. C. **Gramática e Interação**: uma proposta para o ensino de gramática no 1º e 2º graus. São Paulo: Cortez, 1999.

SANTOS, Ana Cláudia Machado; ARENA, Ana Beatriz. [fora que] como operador argumentativo: estratégias de adição e relevo no português brasileiro. **Entrepalavras**, Fortaleza, v. 15, e96360, 2025. DOI: 10.36517/ep15.96360